

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DE SUBJETIVAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Luciana Aparecida de Miranda
Manuela Azevedo Carvalho

Universidade Estadual de Campinas
lucianaamiranda@hotmail.com
manuelaacarvalho@hotmail.com

RESUMO

As redes sociais virtuais, sobretudo o Facebook, desde o seu surgimento têm ocupado um lugar significativo no cotidiano social para os mais diversos usos. Dentre esses usos, é importante destacar sua função enquanto espaço de sociabilidades e de divulgação de informações, ideias e conteúdos sobre os mais variados grupos sociais e temas. Nessa pesquisa, optou-se pela discussão e análise de duas comunidades do Facebook com propostas diferentes, destinados a aglutinar pessoas com deficiência ou que se interessem por temas ligados às deficiências. A primeira delas, a "Deficiente Ciente", que tem como objetivo principal levar informações sobre os direitos da pessoa com deficiência, e a "Namoro com deficientes", que, como o próprio nome sugere, tem como mote ser um espaço de encontros e de busca de relacionamentos para esses sujeitos. Nesta proposta, defende-se que essas duas comunidades do Facebook, de modos diferenciados, podem constituir-se como ambiente de instrução e aprendizagem, ao tratarem tanto dos direitos objetivos dos sujeitos, no primeiro caso, quanto na desconstrução de estereótipos sobre os relacionamentos amorosos/sexuais das pessoas com deficiência, no segundo caso. Assim, o texto parte da análise das potencialidades das redes como espaços de interlocução e traz uma explanação dessas páginas em específico. Para tanto, esse trabalho contou com a análise das propostas empreendidas pelos dois grupos e os possíveis reverberamentos para o público ao qual se destinam.

Palavras-chave: Redes sociais, Pessoas com deficiência, Subjetivação, Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais virtuais apresentam-se na atualidade como importantes meios de interação entre pessoas e têm servido também à propagação de múltiplos conteúdos nos mais variados formatos, o que têm facilitado o acesso de cada vez mais pessoas, incluindo aquelas que não tinham espaço político de discussão e de visibilidade de suas vivências.

Neste texto, busca-se discutir o papel das redes sociais, especialmente o Facebook, enquanto instrumentos de propagação e construção de ideias e de disseminação de conteúdos e informações. Atentando-se para a maneira com que essas mídias estão cada vez mais presentes no cotidiano social. Dessa forma, neste artigo é levado em conta o modo como os grupos sociais têm se mobilizado para criar seus discursos e agregar usuários que compartilham os mesmos interesses sobre os mais variados temas.

E, mais especificamente, o que esta pesquisa buscou mostrar foi como comunidades do Facebook destinadas às pessoas com deficiência têm servido como instrumentos de cidadania, de aprendizagem e de subjetivação, partindo da análise de duas comunidades em específico: a "Deficiente ciente" e a "Namoro com deficientes"¹.

Aliado a isso, teve-se a pretensão de defender a ideia de que comunidades como "Deficiente Ciente" e "Namoro com deficientes", mesmo com objetivos diferentes, podem ser pensados enquanto meios de disseminação de informações e construção coletiva de aprendizagens, na medida em que oferecem informações acerca de especificidades que circundam as vivências desses sujeitos e situam-se como espaços de diálogo entre os usuários.

A ideia com esse texto não é defender a conversão simples de informação em aprendizagem, mas reconhecer que a informação tem o poder de instruir e os comentários e discussões entre os membros das páginas podem se configurar enquanto construção coletiva de aprendizagens, uma das características das redes sociais.

2 METODOLOGIA

A proposta parte de uma metodologia de abordagem qualitativa (RICHARDSON, 2015), a fim de buscar compreender as potencialidades de interação e aprendizagem suscitadas pelas redes sociais, especificamente o Facebook, a partir da reflexão a respeito das usabilidades das redes sociais e das duas comunidades escolhidas disponíveis no Facebook: a "Deficiente ciente" e a "Namoro com deficientes".

Os critérios utilizados para a escolha de ambas as comunidades analisadas, a priori, foram: serem comunidades com objetivos diferentes, uma mais relacionada à participação política e outra à vivência social mais cotidiana, possuírem o maior quantitativo de pessoas de acordo com sua categoria, se voltada às informações de cidadania, se voltada a relacionamentos²; e não previrem a cobrança de nenhum valor para o acesso às informações

¹As páginas escolhidas possuem esses títulos, esboçando a palavra "deficiente", mas trazem em suas publicações o entendimento de que essa nomenclatura não contempla a subjetividade dos sujeitos com deficiência, acompanhando a tendência de reivindicação dos movimentos de luta pelos direitos das pessoas com deficiência, o conhecimento acadêmico e as legislações mais atuais sobre o tema. Por perceber que há o discernimento quanto à nomenclatura, acredita-se que, provavelmente, a escolha por esses títulos deu-se por questão estética na composição sonora ou pela facilidade de localização das páginas, inclusive por pessoas mais distantes às discussões que envolvem os direitos desses sujeitos.

² Na época, a "Deficiente ciente" possuía pouco mais de 116 mil curtidores, em contraposição a cerca de 75 mil em outra comunidade do gênero; e a "Namoro com deficientes", próximo de 7 mil curtidores, enquanto que a segunda comunidade de seu gênero tinha cerca de 2 mil.

completas ou à participação nos planos de encontros (algumas comunidades provenientes de empresas direcionam os curtidores a partir de links para seus sites para o acesso aos demais produtos e serviços), não podendo ser, portanto, criadas com interesses comerciais. E os critérios específicos foram: A) para a "Deficiente ciente", possuir conteúdos voltados para a informação de direitos das pessoas com deficiência, não provir de órgãos da administração governamental, nem de organizações não governamentais - para ter acesso às informações e discursos provenientes dos criadores da página e de seus membros, podendo verificar suas pautas próprias; e não ser localizada em um determinado estado ou município - para poder abranger discursos e políticas nacionais; e B) para a "Namoro com deficientes", possuir conteúdos (textos e imagens) que fizessem referência a pessoas com deficiência - havia páginas e comunidades de mesmo fim com quase a totalidade das imagens sem pessoas com deficiência.

Outro critério inicial é que as comunidades não fossem restritas a um determinado tipo de deficiência, mas, para as comunidades de relacionamentos, percebeu-se que elas apenas destinavam-se a pessoas com deficiência física. Assim, foi escolhida a "Namoro com deficientes" de acordo com os demais critérios.

Foram coletadas apenas a descrição das comunidades, feita por seus criadores, e algumas imagens e posts³ publicados também pelos criadores. Não foi solicitada a participação nessas comunidades, a fim de não interferir na dinâmica de funcionamento. Para as análises, fez-se uso apenas dos conteúdos abertos ao público.

As análises foram cotejadas pela técnica bibliográfica, partindo de autores como: Marteleto (2001) e Costa (2011-12), que definem redes sociais e trazem reflexões inerentes à complexidade das sociabilidades em rede; Hall (2007) e Carrano (2002), a respeito da necessidade de sociabilidade para a construção e representação identitária; Wagner, Piovesan e Rodrigues (2013), acerca das sociabilidades e da possibilidade de inclusão social de pessoas com deficiência a partir das redes sociais; e Ribeiro e Maia (2010), acerca das discussões de invisibilização da sexualidade das pessoas com deficiência.

3 REDES SOCIAIS E SUAS USABILIDADES INFORMATIVAS E DISCURSIVAS

³ Este artigo é um recorte de pesquisa anterior. As imagens e posts encontrados na época da pesquisa não foram mais localizados nos links copiados, assim, optou-se neste texto por substituí-los por imagens e posts semelhantes, de mesmo conteúdo dos apresentados no texto original da pesquisa, para poder disponibilizar links válidos de acesso a eles.

Pensar nas potencialidades das redes sociais, mais especificamente no Facebook, vai além de refletir sobre espaços virtuais de contato e sociabilização de usuários da internet para fins de diversão e entretenimento. O atual protagonismo que as páginas virtuais ocupam, enquanto meio de propagação de informações e divulgação de ideias seja no cenário político, seja nos discursos reivindicatórios ou enquanto ambientes pulverizadores de discursos de toda ordem é sem precedentes quando comparadas às mídias tradicionais. Ainda assim, é importante lembrar que não se pode imaginar novas mídias e mídias tradicionais de formas separadas na atualidade, elas se retroalimentam. Discursos propagados em uma ressoam em outra.

Porém, a principal diferença entre essas mídias na contemporaneidade é que ainda que as tradicionais estejam relativamente muito mais abertas do que antes para a interatividade e a participação popular, sobretudo por intermédio das “novas mídias”, nos meios digitais/virtuais, sobretudo através das redes sociais, a construção dos conhecimentos se dá de forma mais coletiva/colaborativa. Esses conhecimentos, pela própria dinâmica e formato do Facebook, aportam-se em variados temas, dos mais variados grupos e nas mais variadas formas de expressão. Dessa forma, como afirmam Conforto e Santarosa (2002, p. 89):

são as ferramentas digitais que, ao atuarem como objetos catalisadores da inteligência coletiva, tornam-se entidades que propiciam o acolhimento da diversidade. As redes digitais planetárias, especialmente as ferramentas da Internet, abrem um enorme campo de possibilidades para o lazer, para a formação, para o trabalho e para a vida social, potencializando a inclusão e a valorização da diversidade humana.

Se na sua gênese as redes sociais virtuais, especialmente o Facebook, pareciam carregar apenas a ingênua ideia de diminuir a distância física entre aqueles que já faziam parte da sua “rede” de contatos, o alcance, aderência e a diversidade de usos ampliam a complexidade de sua compreensão do significado que carrega atualmente o sentido de “rede social”.

Ao definir o que sejam as redes sociais, conceito que antecede a popularização das redes sociais virtuais, Marteleto (2001, p. 72) afirma que elas são “um conjunto de participantes autônomos com ideias em conjunto e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. São assim, sujeitos interligados formando arranjos de convivência. Já Costa (2011-2012, p. 97), especificamente sobre as redes sociais virtuais, as define do seguinte modo: “As chamadas redes sociais são redes especialmente criadas para a sociabilidade, para a interação entre pessoas nela conectadas”. Ou seja, ao que parece, a principal marca das redes sociais, sejam

elas virtuais ou não, é relacionar indivíduos. Mas é importante destacar que essas relações podem atender a demandas variadas, com características múltiplas, a depender do contexto em que se inserem.

Sabe-se ainda que o conceito de redes, de modo geral, tem como uma das principais características o multidirecionamento, a não hierarquização. A metáfora da "rede" pode assim ser entendida como não tendo um centro marcado, em que todos os pontos que a compõem se ligam, de algum modo, a outros pontos.

Assim, os discursos no Facebook podem surgir, então, a partir de quaisquer dos usuários, de qualquer ponto da rede e serem disseminados na internet, o que faz com que, dentre outros aspectos, temas que muitas vezes tinham pouco espaço na grande mídia passem a figurar e aglutinar pessoas. E um dos modos para que isso aconteça é a junção de pessoas nos grupos temáticos e nas comunidades formados sobre os mais variados assuntos. Esses grupos e comunidades, principalmente quando ligados a questões de pertencimento identitário e empoderamento têm sido capazes de influenciar de variadas formas a vida de usuários e mesmo não usuários, já que os discursos ali construídos e disseminados acabam reverberando para além da internet.

O fato de o Facebook ser retroalimentado pelos sujeitos envolvidos em sua dinâmica interativa de forma constante pode resultar em mudanças culturais paradigmáticas nas relações cotidianas, o que amplia seu potencial informativo. Isso acaba por influenciar a vida de muitas pessoas. Como afirma Romanini, acerca do potencial comunicativo e da influência social das redes virtuais:

Por conta dessa hiperconectividade virtual, de sua penetração no cotidiano das pessoas, da facilidade de acesso e rapidez na veiculação de mensagens, as redes sociais estão se tornando o maior agente catalisador dos novos comportamentos sociais e das grandes mudanças políticas em curso em várias partes do mundo. (ROMANINI, 2011/ 2012, p. 62)

E, no que se refere à abrangência, não há como negar que uma das especificidades das inter-relações suscitadas pela internet é a forma sem precedentes de exposição e divulgação de ideias de longo alcance, o que acaba por ampliar também o ciclo relacional dos seus usuários. Dessa forma, as redes sociais podem servir ainda como território de construção identitária, de alteridade, de autoconhecimento, inclusive, se se entendê-las como um espaço de relações e de representação, já que, segundo Hall (2006) as identidades têm forte ligação com os sistemas de representação e são representadas no espaço-tempo:

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (HALL, 2006, p. 71).

As relações são componentes fundamentais na construção da identidade, para que exista o Eu, é necessário que exista o Outro. A vida em sociedade é coexistencial, fundamentada e mediada por contatos de toda ordem. São negociações permanentes. Para Carrano (2002, p. 133):

O outro ocupa um papel constitutivo na formação da própria identidade pessoal ao colocar o sujeito diante da presença da alteridade. A imagem de si é constituída sempre como uma referência social, externa ao indivíduo desde os primeiros momentos da vida humana. O processo de desenvolvimento da identidade sempre se refere a determinado sistema de delimitação, fazendo com que a realidade seja garantida pela presença e o relacionamento com os outros.

Nesse sentido, tanto o encontro com pares, como com aqueles diferentes de si são importantes para a construção e/ou fortalecimento das identidades. As redes, pois, têm servido como lugares próprios de encontros, confrontos e reformulações de ideias, a partir desses encontros, das informações veiculadas e dos diálogos efetivados. O que para muitos grupos e sujeitos têm se tornado elemento importante para o seu processo de subjetivação.

4 REDES SOCIAIS COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM SOBRE AS DEFICIÊNCIAS

Se as redes sociais têm servido como meio de exposição e divulgação dos mais variados temas, desde aqueles considerados mais banais aos acalourados debates políticos, elas também têm servido como meios de socialização e exposição de assuntos acerca dos mais variados grupos identitários, bem como de sociabilidade entre sujeitos desses grupos, incluindo as pessoas com deficiência.

As redes têm servido ainda como meios de participação cidadã, de informação, discussão e reivindicação de direitos, tendo como protagonistas e receptores os próprios cidadãos, como salienta Aguirre Sala (2013), em seu estudo sobre as redes sociais e as formas de inclusão cidadã dos grupos e pessoas que sem a mediação das redes teriam pouco espaço de socialização de ideias, aprendizagem política e discussão de suas pautas.

São variadas as comunidades e grupos no Facebook que têm como mote de discussão as deficiências, e a existência de uma gama desses

grupos e comunidades temáticos pode contribuir sobremaneira com a construção/criação de conhecimentos para/por esses sujeitos. Sejam elas comunidades específicas de agregação de pessoas interessadas em certo tipo de deficiência ou comunidades mais generalistas, que abordam e divulgam conteúdos ligados a diversos tipos de deficiência e a variados aspectos sociais relacionados a esses sujeitos. As comunidades escolhidas para análise nesta pesquisa partem dessa abordagem mais generalista.

A primeira comunidade a ser mencionada, a "Deficiente ciente", tem como principal objetivo levar às pessoas com deficiência informações sobre seus direitos, sobretudo no que tange à inclusão nas variadas esferas sociais, como emprego e lazer, servindo tanto como importante ferramenta de aprendizagem e informação, como quanto espaço de discussão para esse público.

Essa comunidade tem a seguinte descrição:

Deficiente Ciente tem como objetivo informar às Pessoas Com Deficiência (PcD) assuntos úteis ao seu dia a dia, procurando facilitar a difusão de informações sobre deficiência. Outro objetivo, é estimular a inclusão social e lutar por uma melhor qualidade de vida para que possam efetivamente exercer sua cidadania. Na Deficiente Ciente, você encontrará informações sobre emprego, acessibilidade, cultura, lazer, isenções de impostos e outros. (FACEBOOK, 2009).

Além de textos e discussões, por meio dos comentários das pessoas que seguem e curtem a comunidade, também figuram imagens e posts que podem ser instrutivos e que servem também de mote às discussões. Como, por exemplo:

Figura 1: Post - benefício trabalhista



Fonte: FACEBOOK (2016).

Figura 2: Post - isenção para compra de veículos



Fonte: FACEBOOK (2014).

A primeira figura é um post divulgado na comunidade com o objetivo de informar aos seguidores sobre os direitos que um servidor público com deficiência física tem quanto à redução da jornada de trabalho. Além de informar, o post traz a referência da lei em que se baseia, outro conteúdo importante para a discussão política do tema divulgado. A segunda figura, por sua vez, traz a informação acerca da isenção de impostos para a compra de veículos para um público variado, incluindo pessoas com deficiência mental e visual. Esta também é baseada numa lei federal, a Lei nº 8.989/95, que concede a isenção também para pessoas com deficiência física. Ambos os posts geraram comentários dos seguidores da comunidade e a troca de experiências pessoais, compondo um espaço de diálogo e aprendizagem para os interessados nos conteúdos divulgados.

Além da comunidade "Deficiente ciente" e grupos e comunidades com propostas similares, outros formatos de grupos e comunidades de associação menos direta com a finalidade instrutiva também podem servir como espaços de aprendizagem, ainda que de forma menos direta. Por exemplo, os grupos e comunidades de relacionamentos amorosos, como a comunidade "Namoro com deficientes", segunda a ser analisada neste texto.

Propondo a construção de um espaço voltado aos relacionamentos para pessoas com deficiências e também a veiculação de informações sobre como é se relacionar amorosamente/sexualmente com alguém com deficiência física, sendo aberta à inclusão de comentários e aos diálogos entre os curtidores da comunidade, essa comunidade traz a seguinte descrição: "para aqueles que são deficientes físicos e querem encontrar um novo amor da sua vida, curtem fazem amigos ou se apaixonem profundamente!!!" (FACEBOOK, 2012).

Mesmo que de imediato a ideia contida na descrição da página pareça não estabelecer nenhuma relação com instrução/aprendizagem, é na percepção da forma como os relacionamentos acontecem através das histórias narradas, nos comentários que acompanham essas histórias, das fotografias, dos vídeos e das imagens e posts que compõem a comunidade, que pessoas com deficiência física ou não podem ampliar a visão sobre o relacionamento com pessoas com deficiência, ao desmistificar ideias arraigadas. A comunidade "Namoro com deficientes", ao mostrar depoimentos e imagens de pessoas com deficiência física que vivem relacionamentos amorosos e/ou sexuais/sensuais, pode contribuir com o processo de subjetivação das pessoas com deficiências que fazem parte do grupo. Na página da comunidade podem ser verificados diálogos entre os curtidores e o compartilhamento de dúvidas e de histórias de vida, que por vezes não se

circunscreve somente a pessoas com deficiência física, compondo um espaço de trocas de experiências e saberes mais ampliado.

Vejam algumas imagens postadas na comunidade:

Figura 3: Namoro



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 4: Casamento



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 5: Relação sexual



Fonte: FACEBOOK (2017).

As imagens retratam cenas comuns que permeiam as relações amorosas, a primeira traz um casal se beijando, a segunda, uma cerimônia de casamento, e a última, uma relação sexual. As imagens, ao mostrarem relações amorosas de forma naturalizada, sobretudo no que tange à sexualidade, acabam por tentar desconstruir estereótipos, que legam as pessoas com deficiência, não somente física, a um imaginário social sem a dimensão desses relacionamentos. Tal como apontado por Ana Cláudia Maia e Paulo Ribeiro (2010, p. 164):

Há uma idéia geral de que pessoas com deficiências são assexuadas e isso está diretamente relacionado com a crença de que essas pessoas são dependentes e infantis e, portanto, não seriam capazes de usufruir uma vida sexual adulta.

Dessa forma, se um meio de comunicação de grande alcance se propõe a falar sobre sexualidade e conta com a colaboração de outros indivíduos, não numa perspectiva médica/científica, mas sobre a prática das relações cotidianas, esses relatos podem ter um efeito muito positivo para aqueles que recebem/constroem essa informação. Do mesmo modo, como a já discutida característica das redes sociais, esses conhecimentos podem reverberar de forma significativa.

Mesmo que as duas páginas utilizadas como exemplos (dentre tantas outras existentes), tenham à primeira vista finalidades diferentes, ambas servem para ser, além de um espaço de coletividade para os sujeitos aos quais se destinam, um espaço de informação e de aprendizagem. Se no primeiro caso, na “Deficiente Ciente”, é mais fácil essa percepção, no segundo, na “Namoro com Deficientes”, os exemplos,

histórias e comentários ali postados, podem suscitar debates e construir novos conhecimentos, tanto para as pessoas com deficiência que fazem parte do grupo, quanto para aqueles que não o são e se relacionam ou pretendem se relacionar com pessoas com deficiência, já que o acesso não é restrito.

Dessa forma, as redes sociais, e neste caso mais especificamente o Facebook, podem ser pensadas como espaço de aprendizagem não formal⁴ de longo alcance. Além disso, pode também ser visto como um espaço de produção coletiva de significados, de desconstrução dos estereótipos e dos limites acerca das pessoas com deficiência, contribuindo para que se conheça mais acerca das potencialidades, possibilidades e das vivências sociais desses sujeitos. Já que, como defendem Wagner, Piovesan e Rodrigues (2013, p. 51-2):

Pessoas com deficiências tendem a sofrer a infoexclusão pelas suas dificuldades de acesso e problemas de acessibilidade nos ambientes atuais. Desta forma as redes sociais são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social já que permitem a interação entre pessoas conhecidas bem como o conhecimento de novas pessoas e o início de novos círculos de convivência.

As autoras reconhecem as potencialidades das redes sociais e seu papel relevante para a comunicação das pessoas com deficiência. As redes figuram assim como importantes recursos de aprendizagem para esses sujeitos e para a aprendizagem sobre suas vivências, e junto com eles, além das possibilidades de acesso à informação e à sociabilização das pessoas com deficiência. Ampliando conhecimentos para que essas pessoas difundam suas ideias, experiências, reivindicações, sentimentos e criem seus próprios discursos sobre si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais, sobretudo o Facebook tem se constituído como importante instrumento propagador de ideias e ambiente de sociabilidade entre pessoas dos mais variados locais e com as mais variadas questões, preocupações e necessidades.

Após a popularização das redes e da ampliação de seus recursos, como a criação da possibilidade de aglutinação de pessoas em torno de temáticas e interesses comuns, surgiram muitos grupos e comunidades destinados a um público ou assunto específico. Isso tem

⁴ A perspectiva de espaço de aprendizagem não formal aqui não compõe uma categoria de análise, mas cabe esclarecer que utilizamos seu conceito, tal como define Maria da Glória Gohn (2006, p. 28), voltado inclusive à aprendizagem política de direitos. Ela afirma ainda que "a educação não-formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas".

facilitado a troca de informações, experiências, histórias e saberes entre seus participantes. As redes sociais têm influenciado a dinâmica social e a constituição de subjetividades de muitos de seus usuários.

Entre as redes de maior aderência popular está o Facebook, que foi escolhida como rede para a observação e análise proposta nesta pesquisa, justamente pelo quantitativo de usuários, sua popularidade e a facilidade de formação e localização de grupos e comunidades temáticos. Foram analisadas aqui algumas imagens e objetivos de criação de duas comunidades específicas voltadas para a informação e sociabilidade de pessoas com deficiência, constituindo-se como espaços de aprendizagem não formal para esse público.

Entre a gama de possibilidades de comunidades voltadas para esse público, foram escolhidas duas com escopos diferentes. Percebeu-se que ambas as comunidades, apesar de comporem objetivos diferentes entre si podem contribuir para a aprendizagem sobre as vivências cotidianas, direitos e reivindicações de pessoas com deficiência.

Ao navegar nas comunidades é possível verificar que muitas das imagens e posts veiculados transmitem senão informações de cunho instrutivo diretamente, experiências de vida comuns das pessoas com deficiência e muitos deles suscitam diálogos e trocas de experiências entre esses sujeitos e entre pessoas que não possuem deficiência, bem com o a partilha de dúvidas e ainda a suscitação de novos assuntos que cercam a vida das pessoas com deficiência, constituindo um ambiente propício à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE SALA, Jorge Francisco. Nuevos alcances de la participación ciudadana a través de las redes sociales. **Culturales**, Mexicali, v. 1, n. 2, p. 119-150, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912013000200004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2017.

CARRANO, Paulo. Desafios do conhecimento de si num mundo com outros. FERREIRA, C.; THOMPSON, R.(Orgs.). **Imagem e esquema corporal**. São Paulo: Lovise,2002, p.129-134.

CONFORTO, Débora; SANTAROSA, Lucila M^a. Acessibilidade à web: internet para todos. **Informática na educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 87-102, nov. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/5276/3486>> Acesso em: 03 mar. 2017.

COSTA, M^a Cristina. No que você está pensando? Redes sociais e sociedade contemporânea. **Revista USP**. São Paulo: USP, n. 92, p. 86 – 99, dez./ jan./ fev 2011-2012.

FACEBOOK. Deficiente ciente. Sobre. 2009. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg>

/deficienteciente/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FACEBOOK. Deficiente Ciente. Figura 1: Post - benefício trabalhista. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/deficienteciente/photos/a.181147205298248.46274.116159961796973/1062918607121099/?type=3&theater>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FACEBOOK. Deficiente ciente. Figura 2: Post - isenção para compra de veículos. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/deficienteciente/photos/a.181147205298248.46274.116159961796973/579615158784782/?type=3&theater>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FACEBOOK. Namoro com deficientes. Sobre. 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/NamoroComDeficientes/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FACEBOOK. Namoro com deficientes. Figura 3: Namoro. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NamoroComDeficientes/photos/a.495652093884060.1073741835.339816069467664/1592861747496417/?type=3&theater>> Acesso em: 18 mai. 2018.

FACEBOOK. Namoro com deficientes. Figura 4: Casamento. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NamoroComDeficientes/photos/a.837783069670959.1073741839.339816069467664/1566948050087787/?type=3&theater>> Acesso em: 18 mai. 2018.

FACEBOOK. Namoro com deficientes. Figura 5: Sexo. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NamoroComDeficientes/photos/a.837783069670959.1073741839.339816069467664/1423483321100928/?type=3&theater>>. Acesso: 18 mai. 2018.

GOHN, M^a da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAIA, Ana C.; RIBEIRO, Paulo R. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, Mai.-Ago., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n2/a02v16n2.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2017.

MARTELETO, Regina M^a. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.** Brasília, v. 30, n. 1, p. 71 – 81, jan/abr. 2001.

RICHARDSON, R. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ROMANINI, Vinicius. Tudo azul no universo das redes. **Revista USP**, São Paulo: USP, n. 92, p. 58-73, dez./ jan./ fev. 2011-2012.

WAGNER, Rosana; PIOVESAN, Sandra; RODRIGUES, Lisete. Acessibilidade em redes sociais: em busca da inclusão digital no Facebook. **Informática na Educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 51-61, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/43422/28000>>. Acesso em: 03 mar. 2017.